

IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NAS DISCIPLINAS DE CLIMATOLOGIA SISTEMÁTICA E BIOGEOGRAFIA

IMPORTANCE OF FIELD WORK IN GEOGRAPHY: EXPERIENCE REPORT IN THE SUBJECTS OF SYSTEMATIC CLIMATOLOGY AND BIOGEOGRAPHY

Emilly Domingos da Silva¹
Daniel Carlos Alves Santos²
Jaqueline de Souza Dantas³

RESUMO: Entre os diferentes instrumentos para obtenção do conhecimento científico, pode-se citar os trabalhos de campo como uma potente forma de apreensão da realidade e articulação dos conhecimentos teóricos e práticos, resultando na práxis científica. Para a ciência como um todo, os trabalhos de campo apresentam suma importância para compreensão de seu objeto de estudo, o espaço, suas dinâmicas e características singulares. Nesse sentido, busca-se através desse artigo compreender a importância dos trabalhos de campo na geografia, foi utilizado como recurso metodológico um relato de experiência ocorrido nas disciplinas de Climatologia Sistemática e Biogeografia do Departamento de Geografia da UFRN. Conclui-se que essas práticas nas ciências apresentam grande importância, pois permitem associar fenômenos de escala global às interações espaciais em escala local; além de auxiliar no entendimento das teorias discutidas em sala de aula.

Palavras-chave: Atividade de campo; Práxis; Geografia

Abstract: Among the different instruments for obtaining scientific knowledge, one can cite fieldwork as a powerful way of apprehending reality and articulating theoretical and practical knowledge, resulting in scientific praxis. For geography science, fieldwork is extremely important for the understanding of its object of study, the geographic space. In this sense, this article seeks to understand the importance of fieldwork in geography, using as a methodological resource an experience report that occurred in the disciplines of Systematic Climatology and Biogeography of the Department of Geography, UFRN. It is concluded that these practices in science have great importance, because they allow the association of global scale phenomena to spatial interactions on a local scale; in addition to helping in the understanding of the theories discussed in the classroom.

Keywords: Fieldwork; Praxis; Geography.

¹ Mestranda; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; emillydoomingos@gmail.com.

² Mestranda; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; .jsdantas05@gmail.com

³ Geógrafo; Universidade Federal do Rio Grande do Norte : danielcarlos472@gmail.com..

INTRODUÇÃO

Atualmente estamos imersos em um cenário singular, no tocante às dinâmicas espaciais, isso é se tem acesso a uma gama de informações de modo instantâneo e o ser humano ganha acesso a amplificação em massa da informação. Mas pode-se afirmar que nesse contexto temos maiores vantagens físicas e intelectuais? Ao analisarmos friamente, outros animais possuem vantagens físicas em comparação ao homem como uma melhor visão, audição e olfato. Ou seja, possuem maior capacidade física e seus sentidos são mais aguçados, em contrapartida o homem possui o conhecimento e no devir histórico temporal vem elaborando um sistema de interpretações de informações, que busca explicitar e sistematizar os fenômenos observados. Tal sistema pauta-se na simples observação e apreensão do ambiente a qual o homo sapiens está inserido, desse modo, o homem obtém uma ampla gama de conhecimentos ao utilizar seus sentidos para interpretar informações externas. Esse sistema pode ser chamado de *savoir faire* (Saberes - fazeres).

Esses Saberes-Fazeres advém das denominadas geografias vernaculares, sendo essa a preservação da linguagem e pureza original que se liga aos saberes-fazeres de cada povo que são transpassados de geração a geração como conhecimentos oral e imaterial. Emerge assim a necessidade de ratificação e sistematização desse conhecimento adquirido pelo homem, desenvolvendo-se assim a ciência, que etimologicamente conhecimento. Porém para chegar a tal conhecimento faz-se necessário a comprovação ou refutação de um determinado fato, para isso é necessário a elaboração e adoção de processos metodológicos. Ressalta-se que o método científico é o caminho a ser seguido de forma a interpretar a realidade, ou seja, um conjunto de procedimentos racionais pautados em regras que tem como meta atingir um determinado objetivo. Para o conhecimento ser ratificado como científico há necessidade de identificação de operações intelectuais e técnicas que foram utilizadas para que se chegasse a ele, segundo CAVALCANTI, 2011.

O conhecimento científico se aperfeiçoa constantemente, de maneira a garantir seu caráter objetivo, racional e sistemático das informações obtidas (GIL, 1995). Nesse sentido, os trabalhos de campo surgem como etapa fundamental para compreensão, coleta e análise das informações estudadas durante uma pesquisa, caracterizando-se como uma estratégia importante desse processo em diferentes ciências e campos de estudo ao permitir a compreensão teórica materializada em campo.

No tocante à ciência, os trabalhos de campo mostram-se fundamentais no processo de apreensão dos fenômenos espaciais (CAVALCANTI, 2011), mesmo antes da sistematização do conhecimento científico e da ciência geográfica no século XVIII. Na gênese da geografia, os trabalhos de campo caracterizavam-se a partir das práticas de observação in loco dos fenômenos da natureza, principalmente através da realização de viagens e expedições de forma que os pesquisadores realizassem a categorização e qualificação da superfície terrestre (VITTE, SPRINGER, 2011). A partir do momento que temos a racionalização dessas observações empíricas, conseguimos atribuir os trabalhos de campo enquanto pertencentes ao método científico geográfico, como afirma Alentejano e Rocha-Leão (2006, p.53)

A sistematização da Geografia enquanto ciência muito deve ao conjunto de pesquisas e relatórios de campo elaborados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros, verdadeiro manancial de informações que foram essenciais para a construção das bases para o desenvolvimento da Geografia (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO, 2006, p.53).

A partir dessa contextualização da relação entre trabalhos de campo e o conhecimento científico, podemos compreender a definição desse instrumento para a ciência geográfica. Segundo Suertegaray (2002), os trabalhos de campo são instrumentos que auxiliam a geografia pois “permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo.” Além disso, são a partir dos trabalhos de campo que conseguimos explorar em sua essência as diferentes vertentes do espaço geográfico, sendo possível observar os fenômenos em suas diferentes escalas - principalmente na perspectiva local do objeto estudado.

Portanto, constata-se que trabalhos de campo apresentam importância significativa na construção do pensamento geográfico para além da simples observação empírica, pois permitem correlacionar diferentes abordagens teóricas e metodológicas in loco. Para isso, Cavalcanti (2011) ressalta a necessidade de se elaborar um roteiro esquematizado que oriente toda a atividade, seja ela expressiva ou não. Alentejano e Rocha-Leão (2006) também seguem essa mesma linha de raciocínio, complementando e ressaltando a necessidade de articulação entre teoria e prática (práxis) durante trabalhos de campo.

Dessa forma, torna-se essencial para a formação acadêmico-científica de um profissional da área da geografia, poder vivenciar ao longo de sua formação diferentes oportunidades de trabalhos em campo. Segundo Cavalcanti (2011), nos últimos anos têm-se constatado um aumento significativo do número de publicações científicas envolvendo esta temática. Isso nos evidencia, uma maior preocupação quanto a necessidade de garantia dessas atividades de campo na formação profissional de um indivíduo. Segundo Lacoste (2006, p.87)

essa necessidade de trabalhos de campo extrapolam a simples formação profissional, sendo necessária para a sobrevivência da ciência e um consequente esvaziamento, como afirma a seguir

Para que a relação de pesquisa se modifica pouco a pouco, é preciso que na universidade a grande maioria dos jovens seja iniciada na pesquisa e no trabalho de campo, a fim de que possa, em seguida, qualquer que seja seu futuro profissional, explicar às pessoas porque é preciso ver as pesquisas, porque é para eles preciso conhecer seus resultados e como estes podem, em seguida, ser utilizados. (LACOSTE, 2006, p.87).

A partir dessa breve discussão temática, objetiva-se com este artigo discorrer acerca da importância dos trabalhos de campo no âmbito da ciência geográfica. Para isso, utilizaremos como recurso metodológico o relato de experiência dos autores durante a realização de um trabalho de campo nas disciplinas de Climatologia Sistemática e Biogeografia, associadas ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MATERIAL E METÓDOS

Para a realização dessa pesquisa, adotou-se inicialmente a revisão bibliográfica como primeira etapa do trabalho. Para isso, consultou-se na literatura autores que discorreram acerca da relação entre trabalhos de campo e a pesquisa científica e geográfica, tais como Alentejano e Rocha-Leão (2006), Cavalcanti (2011), Lacoste (2006), Suertegaray (2002) e Vitte e Springer (2011).

Devido ao artigo possuir característica metodológica com base em um relato de experiência, foram utilizadas as informações, dados e experiências adquiridas no trabalho de campo destacado, realizado como parte das disciplinas de Climatologia Sistemática (DGE0209) e Biogeografia (DGE0107), do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O percurso referente ao trajeto Natal/RN - Recife/PE foi realizado entre os dias 03 à 06 de novembro de 2019 com extensão de 476,5 km. A atividade contou com as orientações acadêmicas dos docentes Professor Doutor Rodrigo de Freitas Amorim e do Professor Doutor Luiz Antonio Cestaro, também vinculados ao Departamento de Geografia da UFRN.

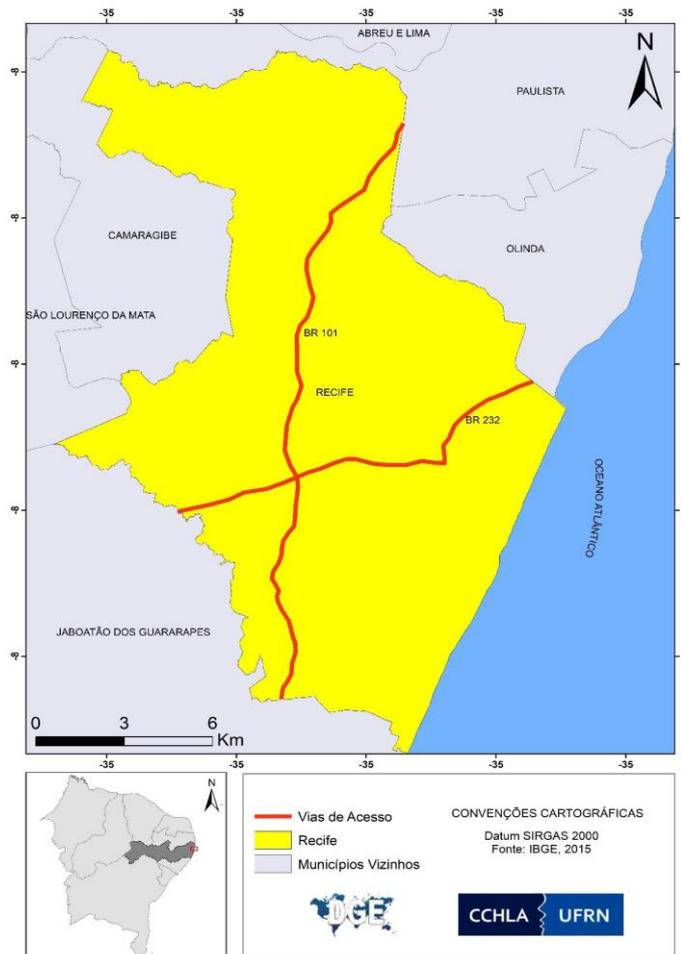
Devido às características desse trabalho de campo, o relato de experiência terá uma caracterização e enfoque maior sobre o município de Recife/PE, visto que os autores deste artigo tiveram maior participação na construção teórica e material acerca dessa localidade durante a atividade de campo.



Inicialmente, em sala de aula, foram utilizados mecanismos de análise teórica que permitiram a compreensão dos fenômenos atuantes na região em escalas de pouco detalhe. Entretanto, devido a heterogeneidade dos fenômenos climáticos e biogeográficos observados nesse trajeto, fez-se necessário a subdivisão dos discentes em grupos, de maneira a permitir um maior detalhamento das informações a serem observadas durante o trajeto. Esses grupos seriam responsáveis pela efetivação de uma análise detalhada dos aspectos físico (relevo, solo, recursos hídricos e geologia), bióticos (fauna e flora) e socioeconômicos (população, atividades econômicas e infraestrutura social) da cidade.

Os procedimentos metodológicos, inicialmente será realizado uma caracterização fisiográfica da cidade de Recife/PE. Este município foi oficialmente instituído como vila no ano de 1709, e hoje abrange uma área de 217,01 km² com uma ocupação urbana representando 100% de sua área. Com coordenadas geográficas latitude 08° 04' 03''s e longitude 34° 55' 00'' w, a cidade ocupa uma posição central no litoral nordestino, com cerca de 800 km de distância das capitais Salvador/BA e Fortaleza/CE, possuindo como principais vias de acesso às BRs 101, que corta o Recife de norte a sul, e a BR 232 que situa-se entre as porções leste e oeste (Figura 02), limita-se ao norte pelos municípios de Olinda, Paulista e Abreu e Lima, ao sul por Jaboatão dos Guararapes, a leste pelo oceano atlântico e a oeste por São Lourenço da Mata e Camaragibe. Está a quatro metros de altitude em relação ao nível do mar, tratando-se de uma região costeira, possuindo relação de maritimidade o que proporciona amplitudes térmicas muito pequenas, devido à proximidade com o oceano proporcionar uma maior estabilidade da temperatura.

Figura 01– Localização e vias de acesso da cidade do Recife/PE.



Fonte: Elaboração dos autores (2021)

Assim, o relato de experiência está estruturado em dois momentos. Primeiramente, foi realizada a caracterização fisiográfica da cidade de Recife/PE, destacando-se a atuação dos principais controles climáticos na região, além de uma breve caracterização da cobertura e uso do solo existente na cidade. No segundo momento deste relato, dialoga-se todas essas informações fisiográficas com as observações empíricas dos autores durante a atividade *in loco*, destacando-se a relação existente na observação multiescalar de um fenômeno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de campo foi realizado seguindo o percurso Natal/RN - Triunfo/PE, sendo necessário três dias para a realização do percurso do campo. O principal objetivo deste trabalho de campo foi realizar a análise das características físicas e ambientais, visando efetuar de

maneira dinâmica a compreensão da configuração das características climáticas e biogeográficas do lugar.

Segundo Lima e Assis (2005, p.112) “o Trabalho de Campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido” para alcançar esse objetivo faz-se necessário a interlocução do empirismo com a teoria, ou seja, associando o trabalho de gabinete as vivências que são experimentadas durante o campo. Vale ressaltar que para compreender-se as nuances dos fenômenos que ocorrem e afetam Recife-PE é necessário efetuar uma breve retomata teórica sobre esses.

CONTROLES CLIMATICOS NA DINÂMICA DE RECIFE/PE

Neste tópico será discutido a caracterização climática da cidade do Recife/PE, envolvendo três dos principais controles climáticos atuantes na dinâmica do município. Tais controles climáticos são: A Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), El-Niño Oscilação Sul (ENOS) e os Distúrbios Ondulatórios de Leste (Ondas de Leste). No entanto, existem outros sistemas que atuam na região, como Alta Subtropical do Atlântico Sul (ASAS), Vórtices Ciclônicos de Altos Níveis (VCAN), Sistemas Convectivos de Mesoescala (SCM), Complexos Convectivos de Mesoescala (CCM), Brisas Marítimas e Terrestres e as Linhas de Instabilidade.

Zona de Convergência Intertropical

A Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) é um fenômeno de grande escala, resultante da interação entre o gradiente de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no Atlântico e a formação de nebulosidades provenientes da liberação do calor latente da parcela mais aquecida do oceano, alcança sua posição mais ao sul, com intensas precipitações, durante os meses de dezembro e abril, período de atuação sobre a cidade de Recife/PE; é uma região de confluência dos ventos alísios de nordeste e de sudeste, os quais contribuem para as alterações de intensidade e posicionamento da ZCIT durante sua atuação. A costa Leste do Nordeste brasileiro apresenta os maiores valores médios de chuva, aspecto importante para o clima da cidade do Recife, situada nesta região, tal fato é ocasionado pelo posicionamento mais austral da ZCIT, que intensifica a convergência de umidade para esta localidade, segundo Cavalcante et al.(2009)

El-Niño Oscilação Sul

O fenômeno do El Niño Oscilação Sul (ENOS), interfere na circulação de escala global da atmosfera terrestre, sendo caracterizado por anomalias positivas, o El Niño e negativas, a La Niña, da temperatura na superfície do Oceano Pacífico equatorial. O ENOS e a variação de Temperatura da Superfície do Mar (TSM), costumam modular grande parte da variância do clima nordestino. O aquecimento das águas do Pacífico ocorre de maneira desigual, resultando no aumento de temperatura dessas águas e modificando a direção das correntes atmosféricas, geralmente na direção das regiões norte e nordeste do Brasil. Em anos de El Niño, os ventos alísios diminuem de intensidade, chegando a ter sua direção de ocorrência invertida, de oeste para leste. Por tais razões, esse fenômeno costuma estar ligado a alguns anos de seca nas áreas do sertão brasileiro. Sendo assim, o fenômeno do El Niño não é um grande influenciador nas chuvas dessa área do estado de Pernambuco, pois como já mencionado, tal fenômeno climático atinge, em maior escala, as regiões mais interioranas da região nordeste brasileira, segundo Cavalcante et al.(2009).

Distúrbios Ondulatórios de Leste

As ondas de leste ou distúrbios ondulatórios de leste, atuam na região da baixa troposfera tropical, principalmente sobre áreas dos oceanos Atlântico e Pacífico. As ondas de leste mais conhecidas são as africanas, as quais são propagadas juntamente com os ventos alísios, com deslocamento de leste a oeste. Ao chegar no Atlântico tropical sul, esses distúrbios costumam atuar principalmente sobre a costa leste do Nordeste brasileiro, especialmente durante o outono e inverno austral (Chan, 1990). Esse fenômeno sinótico é responsável pela modulação de grande parte dos eventos de escala mesosinótica oriundos do oceano.

Os distúrbios ondulatórios de leste são um dos sistemas sinóticos que costumam atuar na capital pernambucana, muitas vezes causando eventos de precipitações anormais, gerando transtornos como inundações, deslizamentos, perdas de bens e até mesmo de vidas, como ocorreu em 2011, quando Recife teve um dos anos mais chuvosos aqui catalogados. O posto 30 da Agência Pernambucana de Águas e Clima (APAC), registrou um total pluviométrico anual acima dos 3.200,0 mm na cidade. Segundo dados da Coordenadoria de Defesa Civil do Recife (CODECIR), mais de 500 deslizamentos foram registrados somente nos meses de abril e maio de 2011. Os problemas de Recife com os grandes volumes de precipitação em alguns anos, tendem a ser agravados por diversos fatores, dentre esses: a falta de um planejamento urbano coeso; ocupações de áreas de risco e a impermeabilização do solo por extensas áreas. Tais

eventos são cíclicos, por essa razão as autoridades e estudiosos deveriam buscar formas de diminuir o impacto desses transtornos perante a população mais atingida, já que a ocorrência de grandes precipitações relacionadas aos distúrbios ondulatórios de leste está além do controle humano.

Uso e cobertura da terra em Recife – PE

A cidade do Recife conta com paisagens naturais diversificadas que permeiam praias, rios, mangues e mananciais. Tal diversidade lhe atribui uma característica peculiar quanto aos demais lugares observados em outras localidades. Apresentam morros que circundam a cidade, vale ressaltar a forma de ocupação desordenada sem planejamento urbano que corrobora na constituição de aglomerados subnormais que trazem risco às pessoas que habitam esses locais. Recife traz em sua epiderme marca de uma configuração territorial desigual, irrigada por um quadro sócio-territorial que se consolidou ao longo da história. A cidade carrega consigo marcas das convivências de seus habitantes, que convivem próximos territorialmente, mas segregados pelas diferenças sociais.

O município do Recife reconhece a existência de 66 Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), disseminadas no tecido urbano da cidade. Porém, existem 490 favelas, o que representa 15% da área do município e 25 % da área ocupada, as ZEIS agregam cerca de 80 % delas. A cidade de Recife, especificamente o bairro de Recife foi se especializando, a partir dos holandeses, como centro comercial, tendo o papel de intermediar a circulação de mercadorias em função do porto e dos Judeus, comerciantes natos. Com a especialização cada vez maior do centro a população foi sendo expelida do local e passou a ocupar outros locais. Pode-se citar como exemplo São José que era habitada pela classe média na década de 30-40, e atravessou um processo de deterioração.

CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM

A partir da análise em escala local da cidade do Recife/PE, oportunizada através do trabalho de campo, compreendeu-se a atuação de diferentes sistemas sinóticos inferindo na variabilidade intrasazonal de temperatura e precipitação, gerando períodos úmidos (janeiro a setembro) e secos (outubro a dezembro). Associado aos tipos de solos e compartimentos do relevo presentes na cidade, geram efeitos sociais e ao planejamento territorial da cidade.

Durante os meses de maior precipitação, maio a julho, a intensificação dos ventos alísios de Sudeste advindos do ASAS associam-se as brisas marítimas intensificando a atuação das

Ondas de Leste sobre o litoral de Recife/PE, o que proporciona as características observadas durante o campo acerca da caracterização da vegetação, com espécies adaptadas a ambientes com índices pluviométricos elevados. Além disso, as características acerca da dinâmica climática, condicionam o modo de vida em relação a ocupação na cidade, pois dependendo da localização, as condições de altas pluviosidades geram diferentes perspectivas de vivência da população. Enquanto, no período seco entre outubro e dezembro, por mais que os índices de pluviosidade encontrem-se abaixo de 100 mm, esses índices mantêm-se devido à atuação das brisas marítimas e VCAN.

No recorte paisagístico foi possível observar que a região há predomínio de chuvas intensas, atrelados a essa dinâmica local, no Jardim Botânico localizado na cidade do Recife, foi possível observar a presença de Jaqueiras (Figura 04), endêmicas do Sudeste Asiático, mas ocorrendo de forma subespontânea na cidade.

Figura 02 – Espécie de Jaqueira observada no Jardim Botânico localizado na cidade do Recife/PE



Fonte: Autores (2021)

Percebe-se que no Jardim Botânico do Recife há uma continuidade da floresta que foi passiva de observação desde Goianinha/RN, porém em Recife/PE é possível verificar que a vegetação apresenta um maior porte, superiores a 10 metros, diferentes das florestas estacionais que tem menor porte. Todo o conjunto de vegetação que circunda a costa oriental brasileira, é a chamada Ecorregião da Mata Atlântica, sendo que cada região apresenta sua especificidade.

A

vegetação do Jardim Botânica é reta, porque o microclima apresenta vento que faça resistência, sendo assim estas não se ramificam muito e apresentam um tronco retilíneo, nesse mesmo local foi observado uma rede que recolhe a liteira (serapilheira) que serve de amostra de tamanho específico para identificar a biomassa de folha perdida, identificando a velocidade de reposição de nutrientes no solo retroalimentação.

A INTERLOCUÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA: PRAXIS

A partir dessa contextualização fisiográfica e da configuração da paisagem da cidade do Recife/PE, realizado a partir do trabalho de campo, é possível delinear reflexões acerca da importância dos trabalhos de campo para compreensão da ciência geográfica. Observa-se que as disciplinas de Climatologia Sistemática e Biogeografia tratam de temáticas teóricas em uma escala regional, por vezes global, como por exemplo através da compreensão dos sistemas que atuam no controle climático terrestre: Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), El-Niño Oscilação Sul (ENOS) e Distúrbios Ondulatórios de Leste (ondas de leste). Nesse sentido, por vezes torna-se oneroso para os estudantes compreender efetivamente a atuação desses fenômenos na realidade, visto que essas temáticas são debatidas apenas no campo teórico dentro de sala de aula. Para que possamos compreender plenamente tais discussões teóricas, faz-se necessário associá-las a atividades de campo, como afirma Lacoste (2006, p.91)

O trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas. (LACOSTE, 2006, p.91).

Dessa forma, podemos compreender a importância da realização do trabalho de campo para a compreensão efetiva dos conteúdos teóricos ministrados nas disciplinas de Climatologia Sistemática e Biogeografia. A partir desse campo, constatou-se as relações existentes entre os fenômenos climáticos globais com a configuração espacial do território em escala local ao longo de todo o trajeto percorrido. Portanto, para além da oportunidade de conhecer novos lugares, a atividade de campo realizada entre os dias 03 a 06 de novembro de 2019 permitiu aos estudantes a associação desses conteúdos a partir de diferentes contextos locais, visto que o percurso possui grande extensão territorial. Evidencia-se assim, a importância da realização dessas atividades práticas na ciência geográfica, cujo objeto de estudo são os fenômenos espaciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades de campo são um importante instrumento de integração entre o empirismo e a teoria, sendo fundamental na formação dos acadêmicos em Geografia. Essa ferramenta vem sendo essencial, pois tem como finalidade a práxis da teoria aprendida em sala de aula. Desse modo, tratamos a atividade de campo como um instrumento educativo e metodológico, com finalidade introduzir os indivíduos em um espaço vivido e complexo, inserindo os alunos nas tramas do vivido os fazendo-os questionar e identificar as dualidades e disparidades que assolam esse território.

A importância do trabalho de campo para o geógrafo pode ser constatada desde os primórdios da Geografia de cunho exploratório, onde eram efetuadas viagens para diversas partes do globo, muitas vezes tidas como inóspitas, com o intuito de conhecer e mapear as regiões existentes. Pode-se afirmar que as explorações de campos são uma atividade metodológica importantíssima, desde os primórdios da geografia, pois essa é um instrumento valioso para a formação do profissional de Geografia.

No tocante ao campo que foi analisado nesse artigo, os conhecimentos obtidos são de suma importância, pois foi posto em prática toda a teoria vista em sala de aula, nas disciplinas de Climatologia Sistemática e Biogeografia. Posto que o local de análise apresenta características e dinâmicas espaciais singulares, já que a cidade de Recife/PE se localiza no litoral do Nordeste do Brasil, apresentando variabilidade intersazonal de temperatura e precipitação causado pela atuação de diferentes sistemas climáticos. Juntamente com a dinâmica climática, as condições pedológicas e geomorfológicas proporcionam condições específicas à cidade, resultando em afetações tanto físicas quanto sociais.

As variabilidades a qual a cidade de Recife está exposta são ocasionadas por diferentes sistemas climáticos que atuam sobre Recife e região. Como principal sistema podemos citar as ondas de leste, que se formam a partir de jatos no litoral africano, e ocasionam precipitações em consonância com os sistemas sinóticos como ASAS e Brisas Marítimas que se intensificam no período de maio a julho. Estes sistemas atuam intensamente causando precipitações intensas na capital pernambucana, que culminam por causar catástrofes dentro do perímetro urbano, esses desastres devem-se em função da ausência de planejamento territorial e gestão organizacional da cidade. O conhecimento dessas variantes climáticas mostra-se como fundamental para o geógrafo que atua na gestão e planejamento de futuras ações em Recife, o que só demonstra-nos a importância das atividades de campo, para a compreensão das

dinâmicas espaciais e a formação de profissionais capacitados que são capazes de associar o empirismo e a teoria.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otávio Miguez de. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 51-68, 2006.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Fundamentos históricos metodológicos da pesquisa de campo em geografia. **Geosul**, [S.L.], v. 26, n. 51, p. 39-58, 24 maio 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2177-5230.2011v26n51p39>.

CHAN, Chou Sin. **Análise de distúrbios ondulatórios de leste sobre o oceano atlântico equatorial sul**. 1990. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Meteorologia, Inpe, São José dos Campos, 1990. Disponível em: <<http://mtcm16b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/MTCm13@80/2005/08.18.12.54/doc/publicacao.pdf?metadatarpository=sid.inpe.br/MTCm13@80/2005/08.18.12.54.56&mirror=cptec.inpe.br/walmeida/2003/04.25.17.13>>. Acesso em: 24 out. 2019.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1995.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 77-92, 2006.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia Revista da Casa de Geografia de Sobral. **Sobral**: v. 6/7, n. 1, 2004/2005.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 105-136, 2006.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórica-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 7-24, 2006.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de Campo em Geografia. **Geographia**, [S.L.], v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002. Pró Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/geographia2002.v4i7.a13423>.

Tempo e clima no Brasil / Iracema F. A. Cavalcante.. [et al.] organizadores - São Paulo: Oficina de textos, 2009.

VITTE, Antonio Carlos; SPRINGER, Kalina Salaib. A ciência humboldtiana: relações entre a sensibilidade e a mensuração na gênese da geografia física. **Revista do Departamento de Geografia**, [S.I.], v.21, p.167-177, 2011.

WANDERLEY, Lucas Suassuna de Albuquerque; MORETTI, Roberto Correia; PORDEUS, Tiê Oliveira. **Vulnerabilidade à ocorrência de eventos extremos de precipitação na região metropolitana de Recife, Pernambuco**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26132131-Vulnerabilidade-a-ocorrencia-de-eventos-extremos-de-precipitacao-na-regiao-metropolitana-de-recife-pernambuco.html>. Acesso em: 25 out. 2019.

Submetido em 03/12/2021 - Aceito em 26/01/2022